



O FIGARINO

Revista Humoristica e Illustrada



ANNO 1

Fortaleza, Domingo 13 de Outubro de 1895

NUM. 24



Panno de bocca do theatro S Luiz

O FIGARINO

Fortaleza, 13 de Outubro de 95.



Delicioso e poetico o passeio de Porangaba!

Sim, senhor.

Fomos no domingo passado pela primeira vez n'aquelle lugarejo pela linha de bonds!

Sim, senhor.

«Por isso é que eu digo que essas cousas sempre são assim... aconteceu... que uma granada penetrou me pelos fundos!»

Porangaba é como a Carólá é cabocla de gemer no touco!

Que lugarinho?!

Do Bemfica para o Mal-vae, temos que sair aos pulinhos como no tempo que chovia, para pegar o carro de «Roncha», que vae tale qual como uma barata conduzida por formigas!

Os engrossadores iam por alli enfatuados e cheios de massadas, bebendo garapa pelo caminho, isto é, pelos casebres da estrada!

De longe, avistamos uma cousa, assim como uma fortaleza velha no meio da lagôa que fazia um bello effeito na paisagem.

O apertão era enorme. Si o nosso povo só gosta de folia.

«Por isso mesmo é que eu digo que essas cousas sempre são assim... aconteceu que uma granada penetrou me pelos fundos...»

Voltamos satisfeitos! Porque levamos os «com quê» e chegamos com páz e tranquillidade. (Amem).

Certo de que o leitor, vae ficar sabendo que Porangaba é mulatinha que sabe gemer no touco.

Sim, senhor!

Não temos nada com a geographia do Sobreira nem com barulhos de «carbrunculos».

Vamos troteando pela avenida Mororó, onde a «maxixada» não precisa cantigas nem panuos de becas!

A proposito, leitores?

Já viram que indecencia, aquelle panuo de theatro S. Luiz?

Parece algodãozinho de dois tostões e desse marca desgraça!

É um panuo immundo! Um descredito para o Ceará.

Uma terra adiantada como a nossa onde é constante o progredimento

politico, intellectual e industrial, uma terra que tem operetas, Rayos, boticas e garapas; possuir-se no unico theatro da terra, uma cortina de algodãozinho de dois tostões e esta mesma esfarrapada, esbodegada, escangalhada, mal pintada e levada do diabo?

Parece a toilette da Giririca, apesar de ser propriedade de ricos da Iracema, Iracema? ...ai... sim... sim a proposito de Iracema, bom... bico crialdo.

Deixemos ver em que fica a catas trophe.

«Por isso mesmo é que eu digo que essas cousas sempre são assim... aconteceu que uma granada penetrou me nos fundos...»

BLACK.

LA GLACE ELEGANTE

A MENINA DO VALLE DE ROSAS

PRIMEIRA PARTE

O caminho do crime

Simon e Guerreville, eram dois comparsas da Opera e amadores de musica. O primeiro trouxera um violoncello e o segundo uma flauta. Um louro de nariz arrebitado tocava violino, enquanto reveil, rapazela occupava o piano.

Esta pequena orchestra estava muito animada. Renato Noyal era espadão e alto e tambem muito novo. Capitão de artilharia.

Tinha boa arvore genealogica e boas disposições para dissepár um resto de herança materna.

Um velhote muito bem mettido em frak preto, possuindo um nariz aquilino e uns olhos muito vivos, conversava com Victoria e Zony, a quem estas chamavam n'o Trotillard.

Este velhote, era um mostardeiro rico que olhava com desdem para seu ouro.

Victoria e Zony, constantes habitués dos jantares da *maison d'or* e *café inglez*, personagens obrigatórios das ceatas do «Hotel de Yille» e bambochas aristocratas do «Bou», estavam alli muito decotadas com seus vestidos de cinco mil francos.

As duas Chalamot, Luiza e Geny, muito louras e frias, partidarias dos serralhos e monarchias orientaes, riam se de uma gravura de frades bouacheirões.

Rosalina, appareceu toda desluibrante com seu vestido de foulard

branco cheio de rosas, recendendo a violetas.

Veio a seus braços as duas Chalamot, fallando Luiza no conde de Jabokooff, ao que zingou se a joven chamando-o trambôlho.

Reveil tocou uma marcha allemã, um pensamento de Weber.

Rosalina veio a copo e deo ordens enquanto Trotillard veio cumprimental a.

Que não queria cerimonia: dizia ella; que nao; isto seria insipido. Estavam alli todos para divertirem-se

Um creado annunciou o jantar. Suspendeo-se a orchestra, de repente. Todos desceram para o terraço.

(Continúa)

A LAGRIMA

Meu Deus, que vejo uma lagrima
(brilhante,
perola branca a borbulhar dos olhos;
e um soluço que a onda retumbante
astira para o ar desses escolhos!

Uma lagrima. E que lagrima sentida
neste momento de amarguras cheio,
lagrima que consola nessa vida
balsamo saato a gotejar no seio!

Fidanza.

SO'

Vem e pouco a pouco a brisa perfumada
(mosa
exparziundo as flores das campinas;
e alem no ceo azul, a tarde vagarosa
doura no poente as nuvens pequeninas.)

Cae a tarde. Chitrea a passarada
nas frondes pittorescas da palmeira;
canta a cigarra, alli pela ramada
ao por do sol, na hora derradeira.

E fitando ao longe o horizonte
sinto uma saudade, vaga, indefinida
q' se perde na bruma azul do monte

Cerca-me a selva, vegetação pujante
e parece me perder p'ra toda vida,
doce visão que foge a cada instante!

REVISTA THEATRAL

Comedias e revistas

Esta semana só temos que consignar é o triumpho muzical da serenata do sr. Rayol, pouco original e cantada pelo tenor Ábos, da «troupe» Silva & Vasconcellos.

Lamentamos não ouvir-a por muitas vezes, pois musicas taes tem poderosa influencia sobre o nosso systema nervoso e precisamos aprender a para recordar a temporada que passa na presente estação.

Do *Matinée* nem noticia!

Não tivemos da parte do 1º tenor do Brazil educado na Italia, a fuesa d'um convite.

Comtudo, devia ter sido uma grande festa, pois lá esteve o que havia de mais selecto e mais «chic» de nossa sociedade.

Acresce que Luisa Leonardo, esta garganta divina que faz o entontecimento das plateias illustradas, esteve alli cantando o dueto do primeiro acto do *Guarany*, a sublime creação de Carlos Gomes.

Não agradou nada o espectáculo de 5 do corrente, pela má escolha de peças theatraes, pois a companhia tem um repertorio novo e importante e um bom scenographo como sr. Azevedo.

A revista «como se faz em deputado», cahio como o «Grão Galeoto», apesar de ser muito inferior, e revela mais pretensão que talento da parte do seu auctor.

Salvou a situação a serenata mas na polka «Stá pra ve o diabo» a companhia do piano este e do apesar dos esforços do sr. Rayol.

A reprise «Os revoltosos» esteve soffrivel, mas o gaz esteve detestavel.

Desta vez os coristas queimaram a «maxixada» ficando impossivel traçar-se.

Afóra o sr. Silva e Luiza Leonardo os outros artistas pareciam «borrecidos», trazendo um cansaço que se notava a meia legoa de distancia, não tendo uma exhibição como era preciso a peça.

O Monte Christo esteve enorme.

A Mercedes conseguiu arrancar muitos aplausos.

E' pena que não tenha chegado para todos a exhibição do lindissimo drama do grande Alexandre Dumas.

Após estes successos theatraes, veio de novo a scena «Niniche», operetta franceza d'onde só «proveita se a musica».

Tocou ao Silva ser o heroe da noite.

Aquelle Silva é um pandego as direitas.

Nunca aquelle homem está de máo humor nem anda arrufado como os outros.

Que diabo!

Mas o homem é um demónio do rito, é um travesso do mundo da galhofa.

Que banhista esplendido! Um ba-

nhista que conduz condessas nos braços como qualquer lancheiro de nosso porto; um banhista que beija as mãos floissimas das aristocratas, desdenhando das quarentonas presumidas que perdem a cabeça por elle.

Ai! ai!



RECORDANDO

Faz um anno, Izabel, que viajamos juntos, no leito d'este infundo mar, longe de terra e sempre no perigo meo coração no teu achava abrigo Como dós recordar.

Erramos. Tropegos viajores
atravez do infundo azul do oceano,
ambos cheios de amor e alli no mar...
Oh! mas para que tanto recordar?
Si ja faz um anno!

Tudo passou. O tempo envolveo tudo,
tudo, tudo até... o nosso amor.
d'essa doce illusão, sonho doirado
do prematuro idyllio do Passado
só resta a dor.

Basta, basta. Oh lonca borboleta
numa uma vez tevejam sonhos meos,
ao separar-me de ti, quantas saudades
das lembrança aos mares e as cidades

Iz. b-l adeos.



LAPIS TRAVÊSSO

CONSELHOS THERAPEUTICOS

Maneira de levantar-se campainha cahida

Ajcelha-se o paciente que soffre campainha cahida, pega se-lhe nas orelhas e nos cabellos dizendo as seguintes palavras:

Senhora Sant'Anna
Muié pequenina
Casa varrida
Campainha cahida

Isto deve ser feito tres vezes, findo isto o doente restabelece-se sem ser preciso pedir lisença para ir a Quixadá.

7369!

Numero de palpíte, não é?
Dizem os gallegos da revista do Moreira.

Pois bem; não é nada d'isto.

E' nada menos que 7369 arrobas de adjectivações novas, vindas pelo paquete *Therezina*, procedente da França, para ser distribuidas pela imprensa cearense.

MELÂNCIADA

Tenha o leitor fé em mim.

—O caso vem fresquinho.

«Viva o Dr. Henriques?»

—Nada d'isto.

—Lá vai obra!

Um, dous, trez!

A coisa agora é no... Quixadá.

—Queixo a dà.

Antes que deem me no queixo, lá vai a coisa tão esperada.

Emquanto em Mecejana, faz-se corpo de delicto, rum sr. burro, o Quixadá municipal, prohibe a venda da melancia!

Que progresso!

Háin??

—Está presa sr.ª Melancia!

—Não vou.

Soltor-se a Melancia.

O caso é que o sr. «intendente» requerem habeas corpus para D. Melancia.

Quasi que se põe o dedo no telegrapho, este bisbilhoteiro que para muito doutor besta, parece arame furado por onde passam as cartas.

—Está presa, Sra. Melancia.

—Não estou!

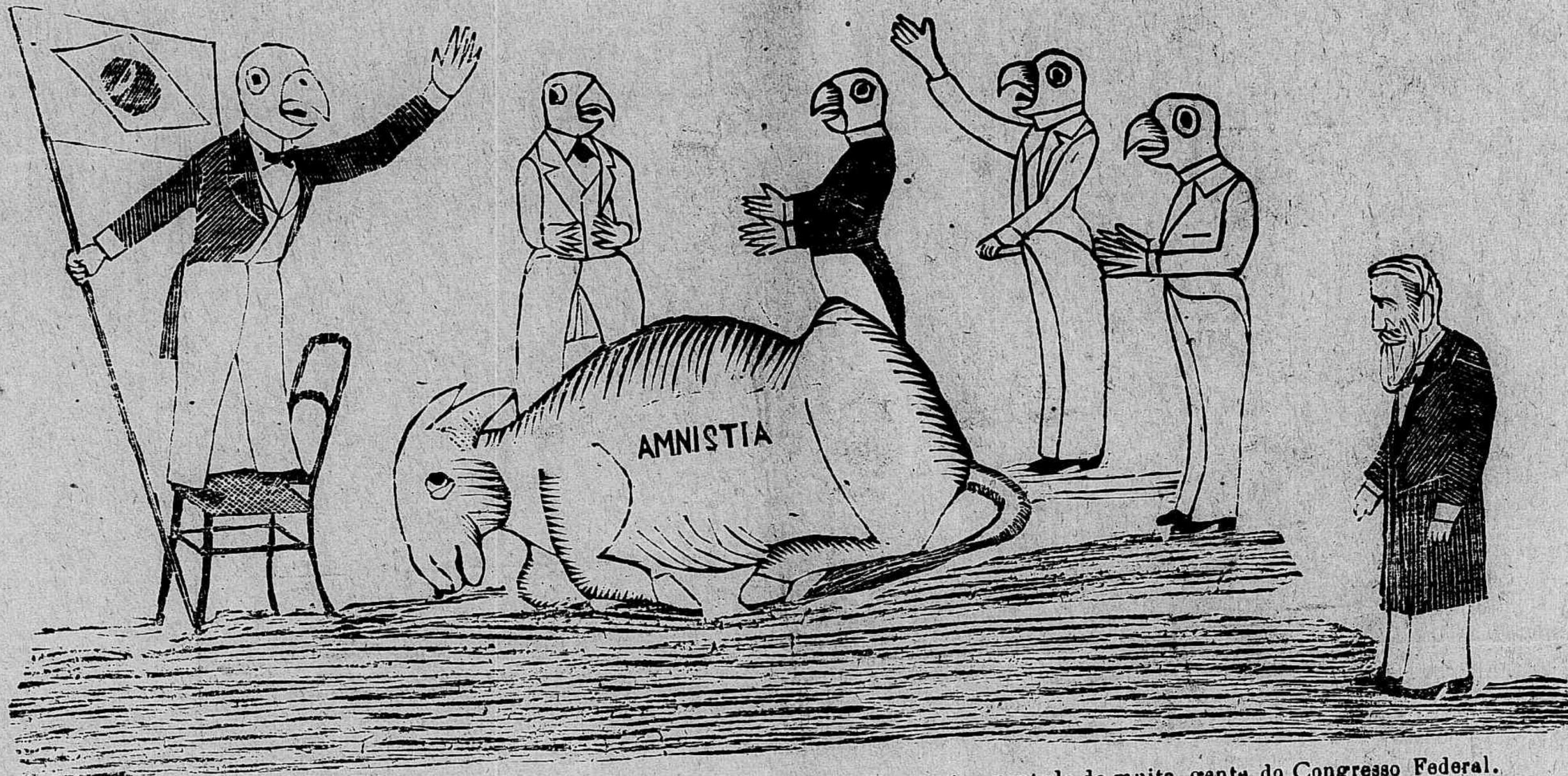
Lá vem o habeas corpus do Sr. intendente.

—Está na rua, Sra. Melancia.

Viva o Dr. Henriques?

Black





Até que emfi n cahio o bicho, o projecto da amnistia incondicional, bem contra vontade de muita gente do Congresso Federal. Papagueiaram bastante.